



O PAPEL DO PROFESSOR EM UM PROJETO DE EDUCAÇÃO SEXUAL

THE TEACHER'S ROLE IN A SEXUAL EDUCATION PROJECT

Virginia Iara de Andrade Maistro 1

Sergio de Mello Arruda 2

Álvaro Lorencini Júnior 3

1 Universidade Estadual de Londrina/Departamento de Biologia Geral/ virginiamastro@yahoo.com.br

2 Universidade Estadual de Londrina/Departamento de Física/sergioarruda@sercomtel.com.br

3 Universidade Estadual de Londrina/Departamento de Biologia Geral/alvarojr@uel.br

Pesquisa Empírica em Educação em Ciências

Área Temática: Formação de Professores

Agência Financiadora: CNPQ

Resumo

Diante da necessidade de assuntos relacionados à sexualidade serem discutidos no contexto escolar e de pesquisas junto a pais que declararam não conversar sobre sexualidade com seus filhos, mas concordarem que a escola é o melhor lugar para se falar sobre esse assunto, investigamos três escolas da rede pública do Paraná que diziam ter um projeto de educação sexual em andamento. Aplicamos dois questionários em nove professores, no início e final do ano letivo, com o intuito de saber qual era o papel de cada um neste projeto. Concluímos que não é um trabalho que um educador faça sozinho, não se sustenta com voluntariado, o envolvimento de todos da comunidade escolar é essencial, é complexo e apesar do educador na maioria das vezes não ter em sua formação acadêmica, a preparação necessária para abordar as questões relativas à sexualidade, acaba de uma maneira ou de outra fazendo a educação sexual.

Palavras-chave: Educador. Escola. Projeto de Educação Sexual.

Abstract

Given the need to discuss subjects related to sexuality in schools and in researches with parents that declare that they do not talk about sexuality with their children, but they agree that the school is the best place to talk about this issues, we investigated three public schools of Parana State that said that they have a Sexual Education Project in progress. We applied two questionnaires with nine teachers at the beginning and end of the school year in order to know what their role in this project was. We concluded that it is not a job that the teachers do by their-selves, it also doesn't last long only with volunteers, it is essential the involvement of

the whole school community. It is complex and despite the fact that the teacher most of times does not have in his academic formation the right preparation to deal with sexual issues, he ends up in one way or other effectively teaching sexual education.

Key words: Teacher. School. Sexual Education Project.

INTRODUÇÃO

A decisão de pesquisar qual é o papel do professor em um projeto de educação sexual tem a ver com a trajetória profissional de um dos autores. No seu longo exercício de magistério, todas as vezes que discutia temas relacionados à educação sexual em sala de aula, terminava com uma sensação de vazio. Nunca ficava satisfeita com seu trabalho nesta área.

Por mais que se esforçasse, não se satisfazia com as “palestras” sobre sexualidade que proferia para muitos estudantes. A sensação de que alguma coisa estava faltando sempre a acompanhava. Vale ressaltar que o que era feito não se embasava num projeto, mas sim num trabalho assistemático.

Para os da sua geração, falar abertamente sobre sexo era censura na certa. Em momento algum no seu caminho no curso superior se deparou com qualquer área do conhecimento que discutisse ou que desse liberdade para se refletir sobre temas que remetessem à sexualidade. E tudo isto a preocupava, pois sabia que mais cedo ou mais tarde iria enfrentar perguntas sobre este assunto. E como responder? Como conduzir as discussões? Até onde poderia responder às perguntas feitas pelos aprendizes? Portanto, teve que se virar sozinha, buscando em cursos de extensão universitária, em eventos e em cursos de pós-graduação, qual a metodologia que poderia utilizar, quais os obstáculos e facilidades que encontraria (se é que se pode saber previamente) e quais seriam os caminhos a serem seguidos para que um projeto de educação sexual desse certo e se sentisse satisfeita.

Quanto a esta ‘lacuna’ encontrada nos cursos superiores, Felipe e Guizzo (2004, p. 38) confirmam que:

Tanto nas escolas de ensino médio (modalidade normal), quanto nos cursos de formação docente em nível universitário, raramente se têm a oportunidade de discutir a respeito dessas questões, uma vez que os currículos ainda não contemplam de forma abrangente tais temáticas. Dificilmente são oferecidas disciplinas que se dedicam especificamente aos assuntos, muitas vezes sendo este trabalho de forma tangencial.

Descobriu, após muitas experiências, que o que fazia em sala de aula, até então, não passava de uma visão reducionista da educação sexual e de um biologismo, isto é, aulas expositivas sobre o aparelho reprodutor feminino e masculino, doenças sexualmente transmissíveis (DST), e métodos anticoncepcionais, tais quais os apresentados nos livros didáticos e não muito diferentes do que a professora de Ciências há muito tempo atrás, na sua adolescência, havia ensinado. O que havia de diferente era a presença de ambos os sexos e isso achava que era suficiente.

Convidava profissionais da área da saúde, médicos, enfermeiros, psicólogos, para falar sobre os mais diversos temas da sexualidade. Mas ao mesmo tempo em que sentia que tinha que fazer mais do que isto, também não via resultados e isso a levou a crer que, de certo modo, essas tentativas eram infrutíferas, pois eram desvinculadas da realidade do aluno, não levavam em conta o meio sociocultural em que ele vive: seus valores, anseios, sentimentos, preconceitos, costumes e crenças. Os alunos nada mais eram que meros espectadores, não

tenham momento algum de expor suas dúvidas, seus conhecimentos, suas angústias e medos. E ao final, só podia dar nisto: insatisfação tanto dela, quanto deles.

É necessário haver espaço para que se pergunte e se discuta essa temática e para que cada indivíduo viva de forma apropriada e singular sua sexualidade. Apesar de ser parte fundamental e integrante da vida de todos nós, o tabu a ela relacionado e as dificuldades para se conversar ainda são muito grandes. Falar sobre sexualidade por si só já é um desafio, as resistências são muitas, exigindo de todos os envolvidos revisar conceitos, superar preconceitos e estereótipos, olhar reflexivamente sobre a própria sexualidade, lidar com tabus, medos vergonhas. Tudo isso não é nada fácil!

Na perspectiva de Lorencini Júnior (1997, p. 95) “a sala de aula pode ser uma espécie de laboratório de possibilidades de expressão da liberdade, permitindo que os alunos pensem e reflitam sobre si próprios”.

Se a escola é uma das instituições onde se constrói a sexualidade e sendo ela um espaço oficial de escolarização onde os jovens passam um grande número de horas por dia, onde iniciam por vezes as suas relações afetivas e onde a educação sexual tem um espaço curricular formal, é extremamente importante saber como esta educação acontece e se acontece! Qual é o papel dos professores neste projeto. Quais os requisitos básicos que os educadores devem possuir para enfrentarem esta tarefa que não é nada fácil.

REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão contemporânea a respeito da sexualidade na escola tem sido exercida, em particular, por dois pontos de vista: uma visão higienista, que reduz o corpo aos conceitos de assepsia, controle e prevenção, incumbindo essa função ao professor de Ciências ou delegando ao campo da Biologia, sendo que os educadores das demais áreas do conhecimento esquivam-se de quaisquer responsabilidades no que diz respeito à educação sexual dos alunos ainda que essa, subliminarmente, se realiza por apreciações, análises e até por omissões em forma de silêncios quando colocações consideradas sexualizadas ocorrem ou preconceitos se manifestam em brincadeiras e por outras exteriorizações.

Em Gavídia (2002, p. 21-30), encontramos que existe na escola uma extrema inércia para mudar as formas de comportamento e as escalas de valores e que ela é o reflexo da sociedade e, por conseguinte, nela existem fatos e ações que fazem parte do seu próprio currículo oculto. Sendo assim, se essas situações se concretizam nas atitudes sociais predominantes, fica muito difícil erradicá-las, já que não se consegue a participação de outros grupos na ação educativa (pais, associações de cidadãos, instituições municipais, etc.). Além disso, existem certos grupos de professores que afirmam que sua tarefa exclusiva na escola consiste em ensinar certos conteúdos conceituais.

Ainda segundo Gavídia (2002, p. 24), percebe-se que existe uma ausência de formação inicial dos educadores sobre a transversalidade, visto que este assunto não foi tratado no curso universitário e em razão dessa lacuna, nota-se uma situação de desprezo ao que representam as matérias transversais, de desenvolvimento de atitudes, de contextualização dos temas de estudo, de aproximação à realidade e às necessidades dos alunos. Outro requisito básico para o professor assumir a responsabilidade de um projeto de educação sexual, é sua necessária formação neste temas, pois torna-se difícil trabalhar de maneira efetiva qualquer tipo de situação dentro da educação, se os educadores não tiverem a sensibilidade e a preparação necessárias para conhecer os principais problemas que afetam a sociedade em geral e os alunos em particular.

Sobre a necessária formação dos professores quanto aos temas transversais existe insuficiência a este respeito nos cursos de licenciatura; na prática cotidiana não são utilizados os conhecimentos das linhas teóricas que foram estudadas nos cursos de formação de professores, configurando “uma teoria distante e desarticulada da prática pedagógica [...] a teoria que se estuda na faculdade é desvinculada da ação pedagógica posterior”. (REIS; RIBEIRO, 2002, p. 89-90).

Compreende-se que a exigência feita aos educadores é grande, por isso é necessário que possuam estratégias metodológicas apropriadas para abordar esses temas, conhecimentos básicos e suficientes para que possam definir os objetivos, os conteúdos, a metodologia e a avaliação, pois deles depende o currículo que será elaborado: o que, quando e como ensinar. (GAVIDIA, 2002, p.27).

Existe uma grande dificuldade por parte dos professores quanto ao tratar os temas referentes à sexualidade, devido à própria educação que tiveram. Quanto a esse particular Camargo e Ribeiro (2000, p. 51) esclarecem:

A formação do educador tem de ser considerada não apenas quanto à produção teórico-científica que embasa o conhecimento sobre a criança, mas também quanto ao seu autoconhecimento. O preparo dos educadores implica o despertar de suas potencialidade, favorecendo a expressão de sua criatividade, de sua sensibilidade.[...] nesse movimento da transformação social, necessitam de espaço para processar, entender, tomar consciência da mudança, da diversidade, da multidimensionalidade que estão implícitas no processo de educar.

Em Reis e Ribeiro (2002, p. 89) encontramos que por existirem estudos e pesquisas sobre a qualidade da formação docente, não é difícil apontar “as dificuldades dos professores e dos alunos resultantes do incipiente desempenho pedagógico e da questionada competência técnica que se apresentam no cotidiano escolar”.

Castro, Abramovay e Silva (2004, p. 44), observam que:

Em geral, os programas de capacitação sobre sexualidade, assim como prevenção, são promovidos em horários contrários às aulas, e representam ações breves e pontuais, sendo que muitos professores trabalham em dois turnos na escola. Essas capacitações têm sido apontadas como de qualidade insuficiente e as temáticas mais polêmicas têm sido abordadas de maneira não aprofundadas, faltando especialistas para possibilitar uma reflexão mais apurada. Essas dificuldades culminam em um despreparo dos professores para fazerem frente às suas responsabilidades pedagógicas, incluindo aí os temas transversais. Assim, a sexualidade tem ficado relegada nas prioridades curriculares.

De acordo com nossas experiências na educação básica, encontramos que sexo e sexualidade ainda são considerados por diversos profissionais como temas que devam ser censurados; ou quando forem tratados, só versarem sobre as questões orgânicas e de perpetuação da espécie, na dimensão do biológico, da reprodução da espécie; ou ainda, devido a complexidade da temática o ideal seria que um religioso tratasse destas questões no contexto escolar. Na perspectiva de Castro, Abramovay e Silva (2004, p. 38-39), quando se fala sobre sexo, os educadores exprimem, inclusive, valores, “acha-se” isso ou aquilo sobre práticas e

relacionamentos sexualizados, mas há aqueles que não se dão conta de que, em tais diálogos e emissões de opiniões, estão indicando ou repetindo ideologias.

Existe uma preocupação para que a educação sexual aconteça nas escolas, já que na mídia, de uma forma ou de outra, ela está acontecendo, ou numa exploração exacerbada quanto à sensualidade humana, ou quando se veiculam denúncias relevantes sobre sexo, pedofilia, prostituição infantil, programas que apostam em matérias de comportamento para que as pessoas se divirtam e esclareçam suas dúvidas, informações sobre outras culturas, pesquisas, novidades, etc. Não necessariamente o professor de Ciências ou algum “especialista no assunto”, mas aquele que é sensível, que escuta os problemas e inspira confiança, que se comunica com facilidade, aquele que os alunos vêm contar “coisas” deles.

Nada é mais importante que a capacidade de compartilhar idéias com outros e se beneficiar do pensamento de outros. Para isso, o professor desse projeto precisa ter a capacidade de escutar o que os alunos têm a dizer.

De acordo com Sayão, (1997a, p. 101) e Sayão, (1997b, p. 115), muitas escolas convocam psicólogos ou contratam serviços de educação sexual com profissionais preparados para uma palestra, mas sabe-se que a eficácia desse trabalho é limitada, pois não existe continuidade. Tais convidados não conhecem o contexto particular da instituição; trata-se de atuações pontuais, que certamente alcançam algum êxito o qual, aos poucos, vai se diluindo e se perdendo no tempo, por não originar-se de um processo. São os professores ou orientadores que se constituem interlocutores confiáveis para as questões da sexualidade; pois o trabalho do dia-a-dia é realizado por eles, são eles que mantêm com os alunos uma relação de proximidade, são eles que podem contribuir para que seus alunos tenham uma visão positiva e responsável da sexualidade.

É por isso que Sayão, (1997b, p. 115) reforça:

O trabalho em Orientação Sexual deve ser iniciado com o profissional que se sentir disponível para tal, requisito necessário, mas não suficiente. Não há necessidade de habilitação desse profissional na área biológica, uma vez que o fundamental é a postura do professor, sua capacidade de reconhecer como legítimas as questões dos alunos, acolhendo-as com respeito. É claro que serão necessários conhecimentos de anatomia do corpo humano, mas nada tão profundo e detalhado que não possa ser assimilado por um professor de outra área por meio de estudo e/ou pesquisa.

A temática em questão é complexa, e o educador geralmente demonstra dificuldade em abordar as questões relacionadas a ela. Não se deve exigir que o educador saiba tudo sobre a temática, mas é essencial que esteja aberto a estudos e a refletir junto aos seus educandos. Ainda há o problema do desconforto quando a abordagem educativa envolve sexo; pois segundo Reis e Ribeiro (2002, p. 94), “temos que levar em consideração a falta de embasamento teórico-prático e a indisponibilidade dos professores para lidarem com questões sexuais, particularmente o fato de sentir-se pouco à vontade “para falar de sexo”.

Segundo Castro, Abramovay e Silva (2004, p. 42), habitualmente os educadores reconhecem que existem impedimentos em trabalhar sobre sexualidade em sala de aula. Essa problemática se agrega as demandas complexas, de caráter vivencial e institucional, como o fato de que os próprios professores, muitas vezes não sabem lidar com essa questão em suas vidas. Deixam claro a falta de preparo e de habilidade para repassar aos alunos os temas transversais sugeridos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), pois os obstáculos vão além do conhecimento, passando por experiências de vida pessoal, íntima, sendo que os professores sentem-se, muitas vezes, constrangidos a se posicionarem.

Para isso não existe solução a curto prazo. “Educar a sexualidade dos outros requer uma prévia e/ou concomitante educação da própria sexualidade”. “O pouco conhecimento sobre as temáticas de gênero e sexualidade apresenta-se como um dos fatores pelos quais professores, na maioria dos casos, continuam ensinando, mesmo que “discretamente”, modos de ser e de se comportar de maneira diferente e desigual para meninos e meninas”. (FELIPE; GUIZZO, 2004, p. 39).

Se o educador se propuser a trabalhar esse projeto, se ele tiver bom trânsito entre os alunos, deverá ser capacitado para tal atividade, para poder se conduzir diante das manifestações que surgirão em razão do próprio projeto. De acordo com Sayão (1997b, p. 115), o fundamental para a preparação do profissional da educação em Orientação Sexual é a sua formação em assunto afim à temática em questão. Ele deverá entrar em contato com as questões teóricas, com leituras e discussões sobre as temáticas específicas e suas abordagens, assim como ter acesso a um espaço grupal de supervisão do trabalho realizado.

Quanto a isso Felipe e Guizzo (2004, p. 39) dizem: “os educadores precisam estar em constante processo de atualização para que possam ter a possibilidade de assumir atitudes e posições reflexivas em relação às situações que acontecem cotidianamente nos espaços educacionais em relação a gênero, à sexualidade, à raça, etnia, dentre outros”.

Desta maneira, cabe ao professor ser um catalisador nas discussões, um facilitador da conversa, prestando informações científicas, polemizando os temas apresentados e garantindo o respeito à diversidade de opiniões e valores, sem ditar normas ou condutas. Ele deve ficar atento às experiências dos alunos e às suas histórias de vida. A diversidade de visões traz maior riqueza às discussões e o seu confronto favorece o exercício da autonomia e da responsabilidade do educando.

É fundamental que o professor tenha com seus alunos uma meta clara do que pretende ser alcançado, realizando tarefas que costumeiramente não realizam as quais estabelecem correlação com a realidade fora da escola. Que haja uma organização do trabalho e que se valorizem as tarefas dos alunos. O professor deve trazer outras leituras de mundo, possibilitando um outro olhar sobre a realidade, confrontando idéias, crenças e conhecimentos com outras visões de mundo, analisando-as com um olhar mais reflexivo.

Mas o contexto escolar e mais especificamente os educadores estão preparados para tal iniciativa, de abrir canais de comunicação, de espaço para se falar sobre a sexualidade de forma gostosa, prazerosa, com clima de confiança e liberdade?

A sexualidade se manifesta diariamente em momentos aparentes e outros não; por isso é necessário falar deste assunto como qualquer outro, apesar de sabermos da complexidade em tratar a temática no âmbito escolar.

Daí a importância de se levar para o contexto escolar a discussão sobre os mais variados temas que envolvem a sexualidade, que além da alegação dos pais não se sentirem preparados para falar de sexo com os filhos, pelos elevados índices de gravidez precoce e/ou indesejada, altas taxas de DST/AIDS, apesar de tantos livros, revistas, músicas, televisão, rádio imprensa, internet, programas de computador e muito mais canais de cultura e informação que informam os jovens e de que os professores seriam as pessoas mais indicadas para tratarem desses assuntos, por terem mais facilidade de propor debates e diálogos, permitindo que os alunos exponham seus sentimentos, dúvidas e ansiedades.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

A temática da sexualidade é um tema transversal sugerido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) e por isto fizemos uma análise crítica do papel do

professor num projeto de educação sexual, investigando nove professores de três escolas da rede pública do estado do Paraná, que denominaremos de escola A, B e C. Sendo que na escola A quatro professores responderam as nossas perguntas (Prof. 1, 2, 3 e 4) na escola B, apenas uma professora (Prof. 5) é que se envolveu no projeto e respondeu as perguntas e na escola C foram quatro professores (Prof. 6, 7, 8 e 9) que participaram da investigação.

Inicialmente, contatamos duas instituições escolares (A e B) municipais de ensino fundamental (1^a a 4^a série) da região de Londrina, as quais, por intermédio do Núcleo Regional de Educação e Secretaria Municipal de Londrina nos informaram que nessas escolas haviam projetos implantados, referentes à proposta da nossa pesquisa.

O contato com a escola C foi por meio da Secretaria Estadual de Educação, que nos informou que esta instituição incluía em suas práticas pedagógicas, projetos de educação sexual, que na avaliação desta secretaria vinha dando resultados positivos.

A pesquisa foi realizada por meio de dois questionários: o questionário número 1 foi aplicado no mês de março de 2004, início do ano letivo, e é composto de 17 perguntas que foram respondidas por escrito pelos agentes da escola A. As mesmas perguntas do questionário 1 foram feitas em forma de entrevista gravada com o professor da escola B, também no mesmo período

O questionário número 2, foi aplicado no mês de novembro de 2004, final do ano letivo, na escola A e C, e é composto por 11 perguntas. Este mesmo questionário não pode ser respondido pela professora da escola B, por que não pertencia mais ao quadro de professores e o projeto não teve a continuidade esperada. Apesar de termos no total 28 perguntas respondidas, vamos nos focar em apenas duas que serão objetos principais deste trabalho, neste momento: 1) Qual foi a origem do projeto; 2) Como foi sua atuação e qual foi sua formação.

MÉTODO DA PESQUISA

Esta é uma pesquisa qualitativa embasada nos estudos de Bogdan e Biklen, (1994, p. 47-51), que consideram que esta investigação pode ser feita por meio de anotações em bloco ou por equipamentos de áudio e vídeo. Foram utilizadas as gravações por fitas cassete e posteriormente transcritas de maneira fiel às falas dos sujeitos e em alguns casos, por inibição dos entrevistados, as respostas dadas foram escritas por eles. Aprofundamos nossos estudos a partir de uma análise rigorosa e criteriosa das respostas dadas pelos agentes envolvidos.

O nosso maior interesse foi investigar como se originou o projeto e qual era de fato o papel dos professores neste processo e a sua formação. Como surgiram inquietações por parte da pesquisadora quanto à aplicação do projeto na escola A, no momento em que, no mês de maio do ano de 2004, quando perguntado a uma professora como estava ocorrendo o encaminhamento do projeto, ela respondeu que a escola ainda não havia começado a aplicá-lo e que os professores deixariam para iniciá-lo no segundo semestre; e também pelo fato da descontinuidade do projeto na escola B, devido a ausência da professora, resolvemos elaborar um segundo questionário mais amplo e aplicar no final do ano na escola A e procurar uma outra escola, no caso a escola C, que pudesse contribuir com maior número e qualidade de elementos, no sentido de refinar melhor os dados para aprofundar e ampliar as análises das respostas dadas nas duas perguntas deste presente estudo.

ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com os resultados podemos considerar que os projetos podem se desenvolver a partir de qualquer **iniciativa: de um professor** - *pela responsabilidade que senti em transmitir os valores corretos.* (Prof. 1); *comecei o projeto na busca de uma solução para problemas relacionados ao tema, então fui participar de curso oferecido a professores* (Prof. 2); *a partir da orientadora que fez um curso de educação sexual que gostou; e trouxe essa idéia, e como eu fazia Biologia, vii que eu era uma pessoa que não tinha vergonha, que era espontânea* (Prof. 5); *ou de um grupo* - *teve início a partir de discussões no próprio grupo, devido a grande dificuldade de se tratar o assunto com naturalidade com os alunos.* (Prof. 3); *à princípio eu iria fazer o curso sozinha, mas conversando com o pessoal da escola, chegamos à conclusão que todas as professoras deveriam fazer o curso.* (Prof. 4) **ou de uma política pública** – *é um projeto a nível federal e por isso trabalhamos em conjunto com uma ONG, com a Secretaria Estadual da Educação, Secretaria Municipal da Saúde e com governo federal e envolveu 8 professores, o diretor, a supervisora, a presidente da APM além do pessoal já citado* (Prof. 6, 7, 8 e 9).

Quanto mais a escola desenvolver projetos relacionados com os problemas contextuais da sexualidade, mais garante a sua continuidade e sustentabilidade, legitimando o projeto na prática. Mesmo que as escolas tenham origens diferentes, há possibilidade dos projetos iniciarem por vários motivos, mas parece ser imprescindível que haja um esforço coletivo para poder dar sustentação; e este trabalho coletivo compreende muitas pessoas: pais, professores, alunos, pessoal de todos os setores da escola e de outros segmentos da sociedade.

Entretanto, se o projeto estiver apoiado em apenas um agente escolar, corre o risco de caso este se ausentar, o trabalho não se desenvolver de maneira satisfatória como ocorreu na escola B investigada onde somente a professora de Ciências é que implantou e implementou o projeto, mas quando estava no meio dele, se ausentou e o projeto não foi para a frente, pois para suprir a falta da professora a escola buscou uma pessoa voluntária que não levava o projeto a sério, confirmando que o voluntariado neste projeto não se sustenta. Portanto, podemos considerar que o trabalho individual é um dado que restringe o desenvolvimento do projeto, enquanto que um trabalho coletivo é uma possibilidade, uma garantia que o projeto pode ter continuidade. Sendo assim, quanto mais um projeto envolver o máximo possível de educadores mais ele terá resultados significativos e positivos.

Uma vez em andamento o projeto, poderá esbarrar em alguns limites que verificamos nas amostras investigadas, entre eles destacamos a preparação deficiente dos professores – *eu falo só sobre o corpo humano, aparelho reprodutor feminino e masculino, menstruação e se algum aluno me perguntar eu respondo como os bebês nascem* (Prof. 2) onde a ênfase é biologização do projeto e não uma educação sexual, pois estes assuntos já estão inseridos no livro didático; *quando tenho que falar alguma coisa sobre sexualidade eu coloco uma camiseta que tem a Nossa Senhora estampada, para que ela me proteja das perguntas que não saberei responder* (Prof. 3)– mostra a deficiência na formação, a não atualização do professor e a necessidade de capacitação para o bom desenvolvimento do projeto. Por conseguinte, podemos considerar a necessidade de participação de maior número de pessoas e a capacitação por parte dos professores.

Observamos que os professores das escolas A e B se prepararam para aplicar o projeto de educação sexual, no intuito de superar o senso comum, realizando cursos, procurando instituições, aprofundando os conhecimentos por meio dos recursos da pesquisa científica, para saber como abordar temas relacionados ao projeto e para ter conhecimentos básicos e suficientes e assim poder definir os objetivos, os conteúdos e a metodologia que seria

aplicada. Encontramos na literatura que é difícil enfrentar, de maneira efetiva, qualquer tipo de situação na educação, se os educadores não tiverem a sensibilidade e a preparação necessárias para conhecer os principais problemas que afetam a sociedade em geral e os alunos em particular. (GAVIDIA, 2002; NUNES; SILVA, 2000; REIS; RIBEIRO, 2002).

Entendemos que toda educação sexual implica uma reeducação da própria sexualidade. Só podemos transmitir com segurança aqueles conceitos e valores nos quais de fato acreditamos e que nos convencem; entretanto, se os professores das escolas A e B procuraram preparar-se para a realização do projeto, para vencer tabus, para tratar do assunto com naturalidade e até para superar o senso comum, esta atitude ficou restrita só ao início do projeto. Esta preparação inicial foi com cursos realizados por uma universidade pública, mas ao longo da implementação do projeto não observamos que tivessem participado de mais algum curso ou atualização a respeito da sexualidade.

É fundamental para se obter êxito num projeto de educação sexual, que seja considerada a formação permanente dos professores, os quais devem ter uma efetiva preparação nessa área, procurando orientações e trocas de experiências constantes com profissionais e segmentos afins. Que o educador tenha uma firme relação de confiança com os alunos. Mas a atualização constante, a troca de experiências, o trabalho contínuo quanto à formação e informação não pudemos notar nas falas dos professores das escolas A e B.

Entretanto, quando analisamos as falas da professora 6, da escola C, vemos que leituras, cursos, dinâmicas e atualizações, aconteceram constantemente durante a aplicação do projeto, já que existiam espaços para a formação e informação dos professores, pais e alunos, num local da Secretaria Municipal de Saúde, numa ONG e dentro da própria escola, como percebemos quando ela diz: *Temos uma sala onde funciona o projeto, tem cartazes, preservativos, órgão sexual, e é dada uma aula para que o uso não tenha a visão que esteja incentivando a prática do sexo, mas sim para prevenir DST e quando precisamos de mais informações, procuramos ajuda externa, isto é, vamos fazer cursos nas secretarias de saúde do estado e do município e também pedimos ajuda a ONG.*

Nas escolas investigadas houve uma preocupação em relação à formação deficiente dos professores quanto a temas ligados à sexualidade, procuraram participar de cursos e fizeram algumas parcerias iniciais ou parcerias mais duradouras. Tornando assim o projeto de educação sexual uma possibilidade, pois por intermédio de cursos, dinâmicas e de reflexão os envolvidos, têm a chance de se atualizarem, de tirar dúvidas e de desmistificarem assuntos ligados à sexualidade. Na escola A e C houve envolvimento de grande número de professores, que possibilitou a integração de o máximo possível de áreas do conhecimento para que a transversalidade dos assuntos ligados à sexualidade pudesse acontecer, mas na escola B, somente um professor se envolveu – constituindo neste caso um limite para a continuidade do projeto, tornando a transversalidade deficitária.

CONCLUSÃO

Cada escola possui uma realidade diferente da outra, e o projeto de educação sexual tem que se moldar a essa realidade; o que serve para uma escola necessariamente pode não servir para outra; mas num momento em que a hiperestimulação sexual permeia em todas as direções, isto é, revistas que tem como tema principal a sexualidade, programas de televisão que apresentam imagens que apelam para a sensualidade, internet com acesso fácil a conteúdos pornográficos, propagandas com alto conteúdo erótico; então, é necessário que

aconteçam debates, polêmicas, interesses e reflexão sobre a sexualidade dentro do contexto escolar.

O objetivo principal de um projeto desta natureza deve ser o problematizar para gerar reflexão acerca da temática da sexualidade, para que as discussões ocorram em clima de naturalidade e para tanto, é essencial que o educador envolvido tenha formação para tal. Não basta a escola se mostrar disposta a implantá-lo e implementá-lo, mas deve permitir aos professores que busquem uma formação continuada, estar aberta a mudanças, a aceitar e assumir novas opiniões e pensamentos, a transpor preconceitos e tabus, mas além disto é saber por onde e como começar

Não é um trabalho que um professor faça sozinho e tão pouco se sustenta no voluntariado, pois as discussões em equipe são muito mais produtivas e o planejamento e os estudos se tornarão menos complexos se forem trabalhados em conjunto. Ele tem que ser discutido pela equipe e supõe planejamento e estudos contínuos, com supervisão, e se tornará muito difícil se não tiver o apoio técnico aos educadores.

O educador apesar de não ter em sua formação acadêmica, a preparação necessária para abordar as questões relativas à sexualidade, acaba de uma maneira ou de outra fazendo a educação sexual. Que este educador tenha disponibilidade, flexibilidade, esteja atualizado, tratando com clareza e honestidade os possíveis embaraços e constrangimentos que possam ocorrer em sala de aula. Que esteja atento às demonstrações exteriores que os alunos trazem. Que perceba e valorize as diferentes experiências e a vida fora da escola. Que constitua espaços permanentes para que ocorram discussões e trocas de idéias, no sentido até que estas cheguem aos lares dos educandos. E, com tudo isto, que os jovens sejam estimulados a pesquisarem com a finalidade de obterem informações científicas.

Ponderamos que falar sobre sexualidade por si só já é um desafio, as resistências são muitas, exigindo de todos os envolvidos revisar conceitos, superar preconceitos e estereótipos. Olhar reflexivamente sobre a própria sexualidade é delicado e embaraçoso. Lidar com tabus, medos vergonhas requer muito trabalho tanto intimamente quanto a expô-los. Tudo isto não é nada fácil! Mas só existe aprendizado quando se pára para refletir e se coloca em ação tudo aquilo que foi indicado. Nada está pronto, concluído e esgotado. Existe um longo e interessante caminho a ser percorrido.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Ed., 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: pluralidade cultural e orientação sexual. Brasília, 1997. v. 8, v. 10.

CAMARGO, A. M. F.; RIBEIRO, C. **Sexualidade(s) e infância(s)**: a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Moderna. 2000.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.

FELIPE, J.; GUIZZO, B. S. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, D.; SOARES, R. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 31-40.

GAVIDIA, V. A construção do conceito de transversalidade. In: ÁLVAREZ, M. N. et al. **Valores e temas transversais no currículo**. Tradução por Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 15-30. (Inovação Pedagógica, v. 5)

LORENCINI JÚNIOR Á. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997. p 87-95.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, 2003. p. 191-211.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. A orientação sexual na escola e os parâmetros curriculares nacionais. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação sexual: apontamentos para uma reflexão**. Araraquara: FCL/ Laboratório editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002. p. 81-96.

SAYÃO, R. Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997a. p. 107-117.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997b. p. 87-95.